

## Entre atos e entre páginas: os entremezes na imprensa portuguesa oitocentista

ANDRESA FRESTA MARQUES\*

Os entremezes têm sido um género teatral pouco estudado ao longo dos anos. Esta é uma questão que oferece pouca resistência. No entanto, sabemos que, nas suas maiores épocas de produção, terá atingido grande sucesso, tanto nos palcos, como nos prelos, divertindo não só as camadas mais baixas da sociedade, mas também as festas cortesãs. Referimo-nos àquela que, segundo Eugenio Asensio (1965) e José Oliveira Barata (1977), é considerada a era de maior florescimento deste género: os séculos XVII e XVIII. Contudo, sabemos também que a produção de entremezes não é estanque a estes séculos, sendo possível encontrar testemunhos mais antigos e, principalmente – e o que mais nos interessa para este ensaio – mais recentes, especificamente do século XIX. Tendo em conta a receção junto dos espectadores, neste artigo, propusemo-nos a encontrar menção a estas tão bem-sucedidas peças na imprensa do século XIX. A pesquisa abrangeu tanto periódicos especializados em teatro, como os de assuntos correntes, procurando pistas não só nas críticas a espetáculos, mas também na própria programação ou até em notícias ou rubricas sobre atores e atrizes.

Apesar do sucesso, não existem muitas instâncias onde consigamos encontrar entremezes na imprensa periódica da época. Para tal terá contribuído uma série de fatores. Desde logo, a renovação do modelo de teatro apresentado nos palcos portugueses oitocentistas, bastante influenciado pelo estilo

---

\* Este trabalho foi financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito da Bolsa de Doutoramento com a referência 2022.13145.BD.

francês. Só mais perto da segunda metade do século, com a criação da Inspeção-Geral dos Teatros Nacionais e, pela mão de Almeida Garrett, existiria um esforço consciente de revitalizar a tradição dramática portuguesa e de incentivar a produção nacional – voltaremos a abordar esta questão mais à frente. Por outro lado, a modernização do conceito dos espetáculos que «entremeavam» as grandes produções teatrais. Aquilo a que nos séculos XVII e XVIII se chamaria sem hesitação de «entremez», poderia agora nomear-se como «farsa» ou «cena cómica», cuja funcionalidade e traços gerais mostrariam a proximidade e as enquadrariam também no género do teatro breve. No entanto, para este ensaio, cingimo-nos à procura da expressão «entremez» para caracterizar estes «entretém», e são estes os resultados que apresentaremos de seguida.

Começemos pelas críticas. No número 26 do Jornal *A Época*, datado de 1848, é criada uma rubrica que os editores intitulam «Chronica» e que pretende «dar em cada numero a «Chronica» da semana decorrida» (p. 411), afirmando que «terá mais de noticiosa que de critica ou censora literaria» (p. 411). É precisamente neste número que o autor da crónica, o Barão d'Alfenim, menciona a receção do entremez *Herdeiro de si mesmo*, no teatro Tália, do «erudito auctor<sup>1</sup> do *Magriço*», que não terá agradado ao público, sendo «pateado (...) segundo as regras dadas pelo praxista das ditas, o padre José Agostinho». (p. 412).

Quase dez anos antes, em 1839, no primeiro número d'*O Elenco*, os editores já faziam duras críticas aos espetáculos breves – entremezis e outros – que eram apresentados:

---

1 Falamos de Jacinto Heliodoro de Faria Aguiar de Loureiro que, dois anos antes, submetera a peça *Álvaro Gonçalves, o Magriço e os Doze de Inglaterra* a concurso para ser apresentada na inauguração do Teatro Nacional D. Maria II, que ocorreu a 13 de abril de 1846. (Vasconcelos: 1994)

(...) quanto aos Entremezes, *Vaudevilles*, ou quer que o valha, a escolha tem sido miserável. Se exceptuamos os muito vistos *Gaiato*, e ainda o *Galucho*, o *Bobo*, e com reserva o *Cabrito* e o *Assignante dos Botiquins* difficil será coligir-se cousa mais sem sabor, que o *Caleb*, os *Chichisbeus* — o *Papajantares* e outros quejandos, não esquecendo o Sr. *Simplicio Oliva*. (p. 3)

No que a crítica — ou perto disso — diz respeito, não foi possível encontrar mais exemplos. Demos conta de várias instâncias, no entanto, onde o entremez enquanto género é sobejamente elogiado, numa exaltação da cultura teatral portuguesa e dos «bons velhos tempos». É o caso da continuação do texto da notícia anterior, onde o autor afirma:

Quanto melhores não eram os nossos antigos entremezes taes como *O hospital dos doudos* — *Manuel Mendes* — a *Villa fidalga*. — Não dizemos que estes se repitam, que não ha hi quem de cór os não saiba; mas convidamos o Sr. *Doux* a que procure haver outros de novo feitos sob taes modellos; e deixe de nos dar um retalhinho da *Lucia de Lamermoor*, que não entenderá quem não tiver lido a novella. Antigamente nestes Entremezes (...) havia alguma cantoria (...) é preciso convir, que a musica nos entremezes agradavelmente os matizava. (p. 3)

Já no número inaugural da *Revista do Conservatório Real de Lisboa*, publicado em 1842, a apresentação do periódico faz um breve resumo da História do teatro em Portugal, mencionando o fim da produção portuguesa com o fim do primeiro quartel do século XIX:

(...) o sócco inferior produzia uma boa meia duzia de pequenos dramas cheio de graça e naturalidade, e córados de verdadeira côr nacional que per si sós mantiveram largos anos o unico vislumbre de theatro portuguez, que

durou até ao fim do primeiro quartel d'este seculo (...) Era com effeito, e era só nos modestos e embora monótonos, mas quase sempre graciosos *entremezes* que o pobre povo portuguez tinha um resto de espelho quebrado, em que se visse ainda no theatro. (p. 1)

Este comentário surge particularmente alicerçado numa dura crítica ao modelo teatral francês que, na época, se tentava importar para os palcos nacionais e que, pelas características do público português, não lograva sucesso consensual. N' *O Elenco* de 1839 dizia-se que «o theatro como está é em demasia secco: e se o outro é o gosto francez: nos somos portuguezes» (n.º 1, p. 3). Na *Revista do Conservatório Real de Lisboa* afirmava-se:

Os fins d'esse ultimo seculo (xviii), e os principios d'este viram um admiravel phenómeno no nosso theatro: por uma parte appareceu a *Nova-Castro*, e mais algumas duas ou tres tragédias tão moldadas e pautadas pelas bitólas francezas que, apesar da moda, dos esforços dos litteratos e dos laureis das academias, não poderam acabar nunca com o povo que as aceitasse e recebesse portuguezas (1842: n.º 1, p. 1)

Na *Revista Ribaltas e Gambiarras* de 22 de janeiro de 1881, criticava-se a comédia *Jean de Thommery*, de E. Augier e J. Sandeau:

O novo drama de Augier e Sandeau propõe-se especialmente accender a divina chama purificadora do amor da patria (...) Esse cantico, porém, entoado em louvor da França, executado em homenagem ao francez, não acorda naturalmente em paiz estranho o mesmo entusiasmo que despertou em França. A patria de que alli se falla não é a nossa patria (...) o ultimo acto que enlouqueceu o Paris litterario e artistico das *premières*, deixou a platéa, relativamente, fria. (n.º 4, p. 27)

Regressando aos entremezes, demos ainda conta da sua menção na imprensa em crónicas históricas que pretendiam visitar a história do teatro em Portugal e que mostravam os entremezes como antepassados de certos espetáculos que podíamos ver em cena nos palcos oitocentistas portugueses. É o que encontramos na *Revista Theatral* numa secção intitulada *Curiosidades* que pretende descrever «Um espectáculo de gala – ha quatrocentos annos»: «Parece que os moiros cultivavam admiravelmente a musica e a choreographia. E quando era preciso, tambem desempenhavam com applauso os *mômos* e *entremezes*, que foram os remotos predecessores das scenas comicas e farças do nosso tempo» (1896: 2.º vol., n.º 27, p. 46). Três números depois, na mesma secção, na continuação da descrição do tal espectáculo de gala, desta vez num elogio a Gil Vicente, lê-se:

Olhe que Gil Vicente é apenas um rapaz, quase desconhecido, que frequenta a cõrte de D. João II. Se estiver hoje no theatro, como espectador, ninguem ali sonhará sequer que está n'elle o maior genio do theatro da Peninsula no seculo XVI. O maior, sim, (...) fundindo nos moldes ainda grosseiros das suas peças – os autos, os entremezes, as farças – a comedia de costumes, a alusão e a satyra pessoal (1896: 2.º vol., n.º 30, p. 102)

Apesar deste declínio na apresentação de entremezes durante o século XIX, a verdade é que a sua função enquanto entretenimento no meio ou no fim de espetáculos maiores continuou a existir em peças com características mais ou menos afastadas das suas. Por exemplo, no jornal *Galeria Theatral*, relativamente ao Teatro Nacional D. Maria II, anuncia-se:

A direcção deste theatro deseja de agradar ao publico, e animada pel(a) c(o)ncorrençia e favor que tem merecido os esforços por ella empregados para alcançar este favor, (...) tem escripturado um corpo de baile com

o fim de ornar bailados todos os dramas que assim o exijam, ou comportem, ou de variar os espectáculos fazendo executar bailados soltos nos intervalos das peças. (1849: n.º 2, p. 4)

No Teatro do Bairro Alto, num espetáculo em benefício de João Peres, segundo *O Portuguez*, o dia terá decorrido da seguinte forma: «(...) *Othélo ou o Mouro de Veneza*: nos intervallos, o *Cossaco russo*, e boleros a quatro, concluindo o espectáculo com uma graciosa *Farça*» (1826: vol. 1, n.º 27).

Conclui-se, portanto, que o sucesso alcançado pelo género entremezil tal como era descrito e apresentado nos séculos XVII e XVIII decresceu na entrada para o século XIX. Já assinalámos, no início deste artigo, vários possíveis motivos para este fenómeno, entre a instauração do modelo teatral francês e as diferentes (e novas) denominações para este tipo de peças. Também foi possível compreender, no entanto, que a função própria do entremez continuou a ser desempenhada e ter lugar na apresentação dos espetáculos da época. No fundo, este apagamento do entremez na imprensa portuguesa oitocentista parece relacionar-se maioritariamente com uma mudança do paradigma da cena teatral e do gosto do público — tenha este evoluído de forma orgânica ou por imposição daquilo que lhe era apresentado.

## BIBLIOGRAFIA

### PERIÓDICOS

- A Época* (1848). N.º 26. (s.l.): Imp. da Época. Cópia digital online: Hemeroteca Municipal de Lisboa.
- Galeria Theatral* (1849). N.º 2. (s.l.): Tipografia na Travessa das Mercês. Cópia digital online: Hemeroteca Municipal de Lisboa.
- O Elenco* (1839). N.º 1. Lisboa: Tipografia de J. F. de Sampaio. Cópia digital online: Hemeroteca Municipal de Lisboa.

- O Portuguez* (1826). Vol. 1, n.º 27. Lisboa: Imprensa de Eugénio Augusto. Cópia digital online: Hemeroteca Municipal de Lisboa.
- Revista do Conservatório Real de Lisboa* (1842). N.º 1. Lisboa: Imprensa Nacional. Cópia digital online: Hemeroteca Municipal de Lisboa.
- Revista Theatral* (1896). 2.º vol., n.º 27. Lisboa: Imprensa de Libânio da Silva. Cópia digital online: Hemeroteca Municipal de Lisboa.
- Revista Theatral* (1896). 2.º vol., n.º 30. Lisboa: Imprensa de Libânio da Silva. Cópia digital online: Hemeroteca Municipal de Lisboa.
- Ribaltas e Gambiarras* (1881). 1.ª série, n.º 4. (s.l.): Tip. de Cristóvão A. Rodrigues. Cópia digital online: Hemeroteca Municipal de Lisboa.

#### ESTUDOS

- ASENSIO, Eugenio (1965). *Itinerario del entremez: desde Lope de Rueda a Quiñones de Benavente*. Madrid: Gredos.
- BARATA, José Oliveira (1977). «Entremez sobre o entremez» in *Separata de Biblos LIII*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 389-405.
- VASCONCELOS, Ana Isabel (1994). «Álvaro Gonçalves, o Magriço e os Doze de Inglaterra: um drama histórico», *Discursos. Estudos de Língua e Cultura Portuguesa*, 7, pp. 95-120.